

DECLARAÇÃO POLÍTICA

16 de Junho de 2009

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

O PSD ganhou as Eleições Europeias do passado dia 7 de Junho. O PS perdeu.

É assim a democracia. Uns ganham, outros perdem. Desta vez, só o PS perdeu.

Cinco anos antes, nos Açores, quase metade dos votantes tinha optado pelo voto socialista nas eleições de 2004 para o Parlamento Europeu. Agora, em 2009, os socialistas confrontam-se com uma descida superior a dezasseis pontos percentuais e ficam-se por 32.9%.

Há cinco anos, o PS ganhara em seis das nove ilhas açorianas. Agora, ganha apenas numa ilha, no Corvo. O PSD ganhou em oito ilhas, tendo saído vitorioso mesmo em algumas em que os socialistas não têm por hábito perder confrontos eleitorais.

Há cinco anos, o PS tinha cantado vitória em doze dos dezanove concelhos açorianos. Agora, ganhou em quatro. O PSD, por seu turno, ganhou em quinze concelhos dos Açores. Também neste caso, alcança vitórias em espaços tradicionalmente ganhos por socialistas.

É esta a verdade dos factos. Convém dizer a mentes mais doentias e preocupadas que a comparação é feita apenas no que é comparável: de europeias para europeias. Não se está a extrapolar coisa alguma. Nem tal se revelaria aconselhável.

Ninguém conte, no entanto, que não haja razões para que um ainda maior ânimo se instale na condução da acção política por parte do PSD. Há, efectivamente, uma nova dinâmica que agora transparece de forma evidente. Sem qualquer tipo de euforia. Não é nesse terreno que nos costumamos mover. Preferimos, sempre, ser prudentes, ainda que estejamos muito confiantes.

Na leitura dos resultados eleitorais há, também para nós, um fenómeno que suscita apreensão. Também para o PSD, a abstenção é preocupante. Convém, no entanto, fazer a sua leitura com honestidade política. E de uma coisa estamos certos. Não é sério desvalorizar quaisquer resultados sem que primeiro se avalie a responsabilidade do alto nível de abstenção que nestas europeias se verificou.

Falemos pois, sempre e só, de eleições europeias.

No passado dia 7 de Junho, 9,191 eleitores açorianos deixaram de votar, em comparação com o nível de votação atingido em 2004.

No passado dia 7 de Junho, os socialistas constataram que menos 12,581 eleitores tinham votado na sua lista para o Parlamento Europeu em relação a 2004.

Afinal, quem é o responsável supremo pela abstenção? Restam dúvidas? Os números não enganam.

Se, para alguns, a abstenção é “estúpida”, para nós, é um factor que aconselha a mudanças profundas.

Nem comentamos o atributo agora dado a um fenómeno que se vem alargando substancialmente nos Açores. Nem sequer ideias peregrinas, como a de tornar o voto obrigatório, sujeito a penalizações.

Julgamos apenas que quem assim pensa terá de rever a sua forma de estar na política. Quando não, tende a criar multidões de desiludidos que, ao longo dos anos, se vão apercebendo do completo falhanço de opções a que anteriormente deram o seu aval nas urnas.

Apetece dizer, como alguém disse, embora referindo-se a outro domínio: “é a política, estúpido!”.

Quanto a nós, a desilusão crescente na sociedade açoriana criou um manifesto afastamento do acto eleitoral. Só esta conclusão é possível da leitura, com honestidade, dos resultados eleitorais de há pouco mais de uma semana.

Não temos dúvidas que o único responsável pelo elevado nível de abstenção atingido nos Açores é o PS.

E entendemos que não é sério, para ninguém, relevar tal facto para desvalorizar vitórias ou amaciar derrotas. Para alguns, até pode ser o “deixa-me dizer isto, porque pouco mais tenho a dizer para justificar onde falhei”. Para outros, é mais uma tentativa de atirar areia para os olhos dos Açorianos.

Neste domínio, aliás, e em contraposição aos disparates que alguns políticos pouco honestos sempre vão lançando, é bom que se tenha em conta a evolução do grau de participação eleitoral ao longo dos anos, nos momentos em que se vive de forma mais evidente a democracia, designadamente aquela que o 25 de Abril nos trouxe. Sempre falando em Europeias, enquanto nas três eleições realizadas até 1996, a abstenção, no limite, pouco excedeu os 60%, desse ano em diante, passou-se para níveis na ordem de 70%, agora largamente ultrapassados.

Afinal, a que período se associa a crescente alienação da política a que os Açorianos parecem agora remetidos em larga escala? Quando é que, afinal, se exerceu uma mais verdadeira participação dos Açorianos nos destinos da sua terra? Quando é que, afinal, se exerceu a democracia de forma mais plena nos Açores? Quando é que, afinal, ela se começou a degradar?

A abstenção, o afastamento da política por parte de muitos Açorianos, tem, portanto, um dono. Tem um responsável claro. Ninguém duvida. Está à vista.

A derrota também teve um destinatário. Só quem quer tapar os olhos a outros, a começar por si próprios, não o reconhece.

A vitória nestas eleições, no país como nos Açores, também tem, obviamente, um detentor claro. Seria bom que fosse humildemente reconhecida, tal como em outros momentos o fez quem agora ganhou, nas alturas em que perdeu.

O PSD foi o partido vencedor, com 40.1% dos votos. O partido que se seguiu, o PS, teve menos sete pontos percentuais nos Açores, dando nota da clareza da vitória alcançada. A diferença é superior à da derrota a nível nacional, que se ficou pelos cinco pontos, o que constitui também matéria para análise.

Aceitar a vitória faz parte da humildade, que deve ser apanágio dos políticos que prezam os valores da democracia.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Há, certamente, leituras e conclusões a retirar de qualquer acto eleitoral. Deste também.

Com cuidado, sem euforia. Com prudência, sem criação de falsas expectativas. Com inteligência, sem desonestidade. Com ambição, sem arrogância.

É por isso que, sem dar margem a leituras conducentes a qualquer tipo de extrapolação, consideramos que o passado dia 7 de Junho deu lugar à mudança nos Açores.

O próprio partido que governa a Região tem agora plena consciência disso. Sem surpresa, aliás, já que sabia que as eleições europeias de há uma semana poderiam correr mal para o seu lado.

A incapacidade de os governos, de cá e de lá, em colocar os Açores e Portugal em patamares razoáveis de desenvolvimento face à média europeia é evidente. Os dados estatísticos não deixam margem para dúvidas. Também os socialistas, embora tentem negar, sabem que isso corresponde à verdade.

Na Região, como no país, os governos não estão a revelar capacidade de lidar com a situação de crise que também por cá se instalou.

Os dados macroeconómicos degradam-se a olhos vistos. Designadamente nos Açores. Os responsáveis pela produção estatística regional sabem-no mas, descaradamente, despem a roupagem técnica que deveria acompanhar permanentemente o exercício da sua função e optam pelos fatos rosa da sua preferência. Dizem “bem” daquilo que manifestamente está “mal”, num exercício de constante publicidade enganosa que insulta as famílias e empresas que sentem na pele os efeitos de uma economia em acentuada degradação. O desemprego é hoje em dia uma chaga com que as famílias açorianas se confrontam, com preocupantes consequências nefastas do ponto de vista social.

Os Açorianos cansaram-se da permanente propaganda. Também nestas eleições quiseram deixar nota desse sentimento. Não sentem os reflexos da aplicação de muitos milhões de euros na sua qualidade de vida. Deixaram de ter razão para passar cheques em branco a um governo que olha demasiado para si próprio, que faz das opções em termos de política económica, social, cultural, ou de tantos outros domínios da acção política, uma constante e permanente campanha eleitoral pelas nove ilhas da Região.

É por isso que os socialistas, com Carlos César à cabeça, sabiam que o “basta” dos eleitores era um resultado eleitoral altamente provável.

Nestas eleições é esse o principal factor explicativo para a mudança operada. Eventualmente temperado com outros condimentos.

Obviamente que José Sócrates não foi generoso quando “ofereceu” um cabeça de lista fortemente anti-autonomista aos socialistas açorianos. Numa campanha sem chama,

quase se limitou a recorrer ao insulto. Contrastou com as evidentes e inegáveis qualidades políticas e pessoais do cabeça de lista do PSD. Este fez a diferença.

Se alguma “frescura” pudesse ter vindo dos lados de Lisboa, certamente que Carlos César viu goradas as suas expectativas. Apercebeu-se, nessa altura, que seriam maiores as suas dificuldades em atenuar a cada vez mais evidente passagem para o fim do seu ciclo político.

Mas foi também na alteração de protagonista para o lugar elegível para os Açores na lista socialista que as coisas não correram bem para o PS. Ficou clara a não existência de soluções num partido em que o cansaço se torna dia a dia mais evidente. Revelando pouca criatividade, os socialistas recorreram à “prata da casa”, mantendo-se no “sai daqui para ir para ali” que constantemente se vem repetindo entre as hostes do partido.

O PS deixou de atrair. Repele, porque cansou.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Não podemos falar só em culpas próprias socialistas. Como em tudo na vida, nem todo o mal que nos ataca decorre das asneiras que vamos fazendo. Há também que contar com os méritos dos outros. E só por má fé se poderia dizer que o partido vencedor, o PSD, não fez pela vida para alcançar o objectivo que tinha traçado.

A tendência de subida do PSD é algo que, manifestamente, começa a incomodar quem está no poder regional. A aproximação aos Açorianos a que Berta Cabral se propôs quando assumiu a liderança do PSD, e que tem promovido, é um propósito que cada vez

se mostra mais evidentemente conseguido. O PSD está hoje numa rota claramente ascendente. Está criada uma dinâmica muito positiva e estas eleições, sem recurso a leituras que remetam os resultados conseguidos para outras realidades eleitorais, deram um forte contributo para a mudança que o PSD entende como necessária para recolocar os Açores no caminho do desenvolvimento.

Para as europeias, Berta Cabral soube escolher. Apresentou uma candidata que se mostrou como uma enorme mais-valia para a defesa dos interesses dos Açores na Europa. Soube colher a confiança dos Açorianos. Por isso, foi aposta ganha. Aqueles que tentaram desconsiderar a solução do PSD acabaram por se aperceber do erro.

O dia das eleições foi dia de prova. Os Açorianos deram uma nota claramente positiva ao PSD e a Berta Cabral.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Talvez por ter consciência de todos estes ingredientes, Carlos César sabia que podia perder para o PSD. Andou por fora mas, quando voltou, tentou desesperadamente perder por poucos, utilizando até o já habitual recurso à deselegância. Limitou-se a assistir à derrota. Talvez só a dimensão das perdas o tenha espantado.

A arrogância, o tom agressivo, o “quero, posso e mando” foram claramente vencidos. A tolerância, a seriedade, a vontade ganharam.

A mudança começou. Os Açorianos já a sentem!

Disse